

Tradição e evolução

Franklin Rumjanek

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br



Durante este período de ressaca pós-Copa do Mundo, talvez tenha passado despercebida outra grande derrota do Brasil: a publicação de estatísticas que mostram o péssimo desempenho do ensino fundamental das escolas públicas no país. Em escala nacional, verificou-se que os 3,3 milhões de alunos avaliados com a Prova Brasil estão muito mal. Constatou-se que os alunos da 4ª série mal sabem ler e tampouco conseguem realizar com fluência as operações fundamentais de aritmética. Os alunos da 8ª série, considerados de nível crítico, exibem um desempenho semelhante àquele que deveria ser obtido pelos alunos da 4ª série. Na verdade, esse resultado teria sido pior ainda não fosse uma maquiagem do Ministério da Educação (MEC), que estreitou a escala de avaliação para 300 pontos, com o estranho argumento de que seria praticamente impossível para um aluno atingir o máximo preestabelecido, de 500 pontos.

Esse placar nos coloca, ou melhor, nos mantém entre os últimos lugares em ensino na hierarquia internacional. Mais do que uma vergonha, esse é um sonoro sinal de alerta, sinal esse que já soou há alguns anos, mas que parece não ter causado nenhuma reação aguda nos setores responsáveis. O MEC, à guisa de consolo, limita-se a comparar os dados atuais com aqueles do governo anterior e consegue ainda se rejubilar pelo fato de os resultados atuais serem marginalmente melhores.

O que pode ser feito de imediato? Que me perdoem os pedagogos da moda, mas não há necessidade de inovar nada. Existem modelos prontos que já provaram sua eficiência e que podem ser resgatados. O sistema de ensino do passado funcionava muito bem na época em que as escolas públicas superavam em qualidade as particulares. Nada muito sofisticado é exigido. Professores bem preparados, material escolar adequado, cartilha, quadro negro e giz. Seria necessário somente ajustar os parâmetros quantitativos no que concerne ao aumento populacional.

Dirão os educadores de plantão que não se pode ser tão simplista. O ensino evoluiu desde então e torna-se importante adotar novas tendências. O problema é que os modismos em geral são impor-

tados de outras economias e não necessariamente se aplicam ao Brasil. De qualquer modo, diante dos fatos eloqüentes e incontestáveis, nosso ensino público fundamental não está funcionando. Além disso, o argumento da evolução, se discutido no contexto darwinista, pode até ilustrar bem a situação da educação. Na evolução biológica, populações de organismos que apresentam fisiologias variadas sujeitam-se à seleção imposta por mudanças do ambiente. As adaptações que lhes conferem maior probabilidade de passar os seus genes às gerações subseqüentes são mantidas. Para os organismos ou sistemas muito bem

O sistema de ensino do passado funcionava muito bem na época em que as escolas públicas superavam em qualidade as particulares

ajustados ao ambiente, nenhuma mudança ocorre, mesmo ao longo de milhões de anos. Em outras palavras, sem querer abusar das metáforas e provocar ainda mais os brios futebolísticos feridos, a natureza não mexe em time que está ganhando.

O mesmo ocorre com a educação. A leitura de biografias de nomes eminentes nas ciências, ou em quaisquer outras áreas acadêmicas, revela sempre um detalhe comum. O fator diferenciador que consistentemente determina uma trajetória bem-sucedida e por vezes um futuro de liderança é a educação fundamental. As melhores escolas do mundo, várias das quais com séculos de existência ainda mantêm uma pétria tradição de ensino, dão aos seus alunos a oportunidade de ocupar lugares de destaque na sociedade. Essas escolas, públicas ou não, também têm em comum a impermeabilidade aos modismos (e ao paternalismo), o que de certa maneira confirma o aspecto da doutrina darwinista aludido acima. Entretanto, deve-se considerar que, na evolução darwiniana, está embutido também o outro lado da moeda. Para os organismos que sofrem mutações incompatíveis com o ambiente, a penalidade habitual é a extinção. Sem volta. É esse o caminho que aponta a Prova Brasil? ■